

# DA FAMÍLIA À AMIZADE E FRATERNIDADE EM MONTAIGNE

## FROM FAMILY TO FRIENDSHIP AND FRATERNITY IN MONTAIGNE

Nelson Maria Brechó da Silva\*

**Resumo:** O presente trabalho pretende situar o conceito da amizade em Montaigne. Desse modo, da amizade nasce a justiça, porque as pessoas amam reciprocamente. Elas têm como referência a comunicação. Esta indica uma nova imagem das pessoas: a fraternidade, que promove a comunhão e partilha de ideias e experiências. A análise do texto permitirá reflexões sobre o sentido maior da amizade à luz da imagem da família, da amizade e da fraternidade.

**Palavras-chave:** Montaigne. Família. Amizade. Fraternidade.

**Abstract:** This research has as a target to show the concept of friendship in Montaigne. This way from friendship is born the justice, because people love one another. They do have with reference the communication. This indicates a new image from the people: the fraternity, which promotes the communion and share of ideas and experiences. The analysis of text will allow reflections about the broadest meaning under the light of family, friendship and fraternity.

**Keywords:** Montaigne. Family. Friendship. Fraternity.

### Introdução

Este artigo procura abordar o tema da amizade em Montaigne, especialmente no capítulo 28, *De l'amitié*, situado na primeira seção dos *Essais*. Principia-se a reflexão com o pressuposto dos laços familiares impregnados pela virtude do *híperoché*, respeito, consideração e estima que constituem a família. Analisa-se também os principais fatores que o amor familiar diverge da amizade, que, por sua vez, possui uma virtude *filia*, amor de amizade, na qual nasce a *díke*, justiça, a saber, o caminho reto para a sociedade francesa envolvida pela tirania que inibe os franceses a expressarem seus pensamentos em pleno século XVI<sup>1</sup>. Num segundo instante, ilustra-se a amizade e a virtude *frater*,

---

\* Licenciado em Filosofia pela USC de Bauru-SP, bacharel em Teologia e especialista em Bíblia pela FAJE de Belo Horizonte-MG. Atualmente é mestrando em Filosofia pela UNESP de Marília-SP, cujo tema da dissertação é o conceito da amizade no pensamento de Montaigne, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Monteagudo. E-mail: [nelsonbrecho@yahoo.com.br](mailto:nelsonbrecho@yahoo.com.br).

<sup>1</sup>Esse assunto da tirania francesa é tratado com maior densidade no artigo, *A pintura do "eu" em Montaigne*, publicado pela revista eletrônica *Thaumazein*. Veja a referência completa na bibliografia e, se

fraternal, que ultrapassa a dimensão biológica, sobretudo no tocante à troca de pensamentos e de vivências que permitem com que a amizade se amplie e se defina concretamente num espaço de fraternidade recíproca, visto que uma pessoa se une intimamente à outra, de modo a fluir esse sentimento nobre que é a própria amizade. No caso de Montaigne e La Boétie, ela dura aproximadamente cinco anos. Apesar da duração cronológica ser pequena, essa amizade dá um novo tom nos ensaios, pois Montaigne procura pela escrita manter vivo o carinho fraternal fornecido pela convivência com seu precioso amigo. Com isso, tem três partes a referente pesquisa: primeira, divergências entre o ambiente familiar e a amizade; segunda, a amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade; terceira, a importância do conceito irmão à amizade.

### **I - Divergências entre o ambiente familiar e a amizade**

Este ponto remete ao tema do ambiente familiar e da amizade. Elencam-se nove momentos: o ambiente familiar; amizade e comunicação; a família e a amizade; a família com obstáculos recíprocos; os filósofos Aristipo e Plutarco, que desconsideram as relações familiares; a impossibilidade do nome amizade nas ligações familiares; a amizade como entrosamento das almas; improvável linha de demarcação na amizade; amor inexprimível por La Boétie.

Em primeiro lugar, para Montaigne, no ambiente familiar, é mais preponderante o respeito do que a amizade: “nas relações entre pais e filhos é mais o respeito que domina”<sup>2</sup>. A família, portanto, não promove a amizade devido à grande diferença que existe entre seus membros, o que torna empecilho para a edificação da amizade e dos deveres recíprocos que nela são hauridos. A categoria “respeito” indica um ponto de vista e acima de tudo referência, de modo que o pai ou o responsável assume um papel referencial diante dos filhos e estes não podem corrigi-lo, pois se o fizessem, seria ilógico. Assim, o que está em voga na relação amorosa entre os familiares se denomina *mimesis*, imitação. Se os anciãos forem corrigidos pelos jovens, tal ação é vitupéria, vergonhosa e infame. Isso acontece pelo fato de que o conjunto de valores de um para outro são diferentes e tal relacionamento se desenvolve num nível hierárquico para

---

possível, faça sua leitura, pois o ajudará numa maior compreensão naquilo que Montaigne e La Boétie entendem por amizade.

<sup>2</sup> “Des enfants aux peres, c’est plutost respect” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

garantir a *regis* em que o mais velho adquire a desenvoltura de corretor. Aí urge o respeito a fim que o homem reconheça os seus limites.

A amizade, ao contrário do respeito, tem uma conotação espontânea que compreende a duas vontades que se fundem numa só. A vontade designa a capacidade de escolha que propicia a convicção; em outras palavras, o objetivo a ser conquistado, no caso de Montaigne a amizade. Dessa forma, a amizade é edificada pela abertura recíproca, sem nenhum tipo de ressentimento ou tremor que engloba respeito. De fato, através da amizade, uma pessoa confia na outra e juntas, por meio da conversa, constituem os elementos que compõem os seus deveres. Elementos estes que tornam a amizade edificante, repleta de ações que incitam o diálogo e a admoestação. Ora, mediante a amizade, os deveres não são pautados pelo respeito a alguém que seja superior e sim à reciprocidade, visto que um conhece o outro e garante a existência do “eu” através da categoria de “relação”, de maneira que as duas vontades trocam experiências mutuamente. Assim, a amizade não pode se edificar na família.

não pode estabelecer-se nesse domínio em virtude da grande diferença que entre eles existe, de todos os pontos de vista; e esse intercâmbio de ideias e emoções poderia por vezes chocar os deveres recíprocos que a natureza lhes impôs<sup>3</sup>.

Num segundo momento, conforme Montaigne, o alimento da amizade é justamente a comunicação, pois o verbo “nutrir” leva a essa dedução: “nutre-se de comunicação”<sup>4</sup>. Nutrir tem o sentido de alimentação e de sustento. A partir dessa definição, compreende-se que o fundamento da amizade é o ato de nutrir-se da comunicação. Todavia, o que representa a comunicação para o pensador? O termo sugere a capacidade de trocar ou discutir ideias, de dialogar, com vista ao bom entendimento entre pessoas. Agora, no caso do ambiente familiar, mesmo que ocorresse uma intimidade acentuada entre pais e filhos, isso torna a familiaridade como inconveniente: “se todos os pensamentos íntimos dos pais se comunicassem aos filhos, ocorreriam entre eles familiaridades inconvenientes”<sup>5</sup>. A inconveniência representa o perigo ou risco da família sucumbir, visto que certas coisas não podem ser tratadas dentro de um ambiente familiar. Agora, quando o assunto é amizade, aquilo que é

---

<sup>3</sup> “qui ne peut se trouver entre eux, pour la trop grande disparité, et offenceroit à l’aventure les devoirs de nature” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

<sup>4</sup> “L’amitié se nourrit de communication”. Ibid.

<sup>5</sup> “Car ny toutes les secrettes pensées des peres ne se peuvent communiquer aux enfans pour n’y engendrer une messeante privauté,”. Ibid.

inconveniente no âmbito da família, torna-se relevante quando se refere entre amigos. O instrumento para isso é precisamente a comunicação, pois o papel do amigo não é o mesmo do pai, que precisa parecer aos olhos do filho “perfeito” a fim de que o filho possa imitá-lo. O amigo é aquele que é capaz de ouvir todos os pensamentos íntimos e, portanto, ser bem próximo devido à natureza que impôs ao homem a necessidade de fazer relações de amizade.

Haja vista, em terceiro lugar, que o princípio da família, segundo Montaigne, é o respeito, porque os filhos não podem formular censuras ou dar conselhos. No entanto, o ato de formular e aconselhar corresponde a uma das primeiras incumbências para a constituição das relações de amizade: “não podem os filhos dar conselhos ou formular censuras a seus pais, o que é, entretanto, uma das primeiras obrigações da amizade”<sup>6</sup>. O conselho é advertência que se emite, o aviso, o aconselhamento em vista do bem recíproco; ao passo que formular censuras convém à função de mestre. As duas posturas, dar conselho e formular censuras, precisam estar incutidas na amizade, para que os amigos cresçam mediante a sugestão e a correção. Logo, na perspectiva da amizade, os principais deveres fundamentais constituem em dar conselhos e formular censuras. Nas entrelinhas de Montaigne, nota-se a célebre frase de Cícero acerca da amizade:

Pois que é próprio da verdadeira amizade dar e receber conselhos, dá-los com franqueza e sem azedume, recebê-los com paciência e sem repugnância, persuadamo-nos bem de que não há defeito maior na amizade que a lisonja, a adulação, as baixas complacências<sup>7</sup>.

A amizade exige receber com franqueza o conselho ou a censura e não com azedume. A palavra franqueza exprime a ideia de espontaneidade e de sinceridade. Isso implica que uma relação de amizade progride pelos critérios do homem desimpedido e livre de qualquer constrangimento. A franqueza permite que se desabroche a virtude da paciência, que consiste em suportar dores, infortúnios e, sobretudo, com resignação. A paciência participa como outro elemento propulsor dos deveres recíprocos da amizade. Além do mais, Cícero ressalta o maior defeito que, às vezes, pode ocorrer na amizade: a

---

<sup>6</sup> “ny les advertissemens et corrections, qui est un des premiers offices d’amitié, ne se pourroyent exercer des enfans aux peres”. Ibid.

<sup>7</sup> “91 Vt igitur et monere et moneri proprium est uerae amicitiae, et alterum libere facere, non aspere, alterum patienter accipere, non repugnanter, sic habendum est nullam in amicitii pestem esse maiorem quam adulationem, blanditiam, adstantationem”. CICÉRON. *L’ amitié*. Paris: Les Belles Lettres, 1952. p. 48; 141 [XXV].

lisonja (louvação exagerada), a adulação (bajulação), as baixas complacências (benevolências). Esses conceitos apenas realçam a vaidade humana e se afastam do ideal da amizade que é aconselhar e censurar conforme se visualiza em Cícero e também em Montaigne.

Num quarto instante, o autor mostra que em alguns povos é comum que os pais matem os filhos e vice-versa. Isso ocorre pelo fato de eles, pais e filhos, evitarem o surgimento dos obstáculos recíprocos. É próprio da natureza o fato de um se destacar sobre o outro e não os dois de uma só vez. Por essa razão, a morte de um funciona como meio para que o outro se eleve, seja o pai, seja o filho. Então, conforme o autor, a natureza pela eliminação de uma pessoa libera a outra.

Entre certos povos é costume que os filhos matem os pais; entre outros são os pais que matam os filhos, a fim de evitar, como acontece às vezes, que se constituam em obstáculos recíprocos, porque a natureza pela eliminação de um libera o outro<sup>8</sup>.

Em quinto lugar, o filósofo aponta Aristipo<sup>9</sup> e Plutarco<sup>10</sup>, que não consideram os laços de família. Em relação a Aristipo, Montaigne postula:

Aristipo, por exemplo, a quem falamos da afeição que devia aos filhos, saídos dele, pôs-se a cuspir dizendo que isso também saía dele. E acrescentava que se engendramos filhos engendramos igualmente piolhos e vermes<sup>11</sup>.

Constata-se por meio dessa passagem que Aristipo tinha um sentimento de desprezo diante do filho conforme se vê na expressão “cuspir” e chega a tal ponto de dizer que ao engendrar filhos, engendram-se “piolhos e vermes”. Montaigne após mencionar o exemplo de Aristipo, cita Plutarco: “Outro, que Plutarco procurava reconciliar com o irmão, respondeu: ‘Não o estimo mais, apenas porque saiu do mesmo

---

<sup>8</sup>“Il s’est trouvé des nations où, par usage les enfans tuoyent leurs peres, et d’autres où les peres tuoyent leurs enfans, pour éviter l’empeschement qu’ils se peuvent quelquefois entreporter, et naturellement l’un depend de la ruine de l’autre” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

<sup>9</sup>A edição crítica traz uma nota a respeito de Aristipo na p. 63, nota 1, mais especificamente na p. 272, indica as seguintes informações: “D’après Diogène Laërce, *Vie d’Aristippe*, II, 81. – Les éditions publiées du vivant de Montaigne portaient: *celui qui*”.

<sup>10</sup>A edição crítica indica uma nota referente à citação de Plutarco na p. 63, nota 2, que se encontra na p. 272: cf. *De l’amitié fraternelle*, IV.

<sup>11</sup>“Aristippus: quando on le pressoit de l’affection qu’il devoit à ses enfans pour estre sortis de luy, il se mit à cracher, disant que cela em estoit aussi bien sorty; que nous engendrions bien des pouz et des vers” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

buraco”<sup>12</sup>. Mesmo diante da busca da reconciliação, Plutarco é capaz de refletir e dizer que ele e seu irmão tinham uma coisa em comum, porque saíram do mesmo local. Apesar de todas as dificuldades, algo é inegável: são provenientes de uma única e similar origem.

Num sexto momento, Montaigne postula que aquilo do qual se dá o nome de amizade e amigo, de fato, não merece tal nome, quando se trata de ligações familiares. O que caracteriza essas ligações? Duas coisas propiciam o entendimento delas: primeiro, o sabor da oportunidade, daquilo que vem a tempo, a propósito, apropriado e, sobretudo, do que causa ocasião oportuna. Ora, esse recurso das oportunidades fomenta, num segundo momento, as estratégias em vista de algo que seja de interesse privado ou público do indivíduo. No entanto, as ligações familiares coadunam as almas ao entretenimento. Este, por sua vez, aponta a distração, o divertimento, a recreação e a ocupação da alma, de forma a afastá-la do autêntico sentido da amizade: a fusão das almas: “Em suma, isso a que chamamos comumente amigo e amizade não passam de ligações familiares, travadas ao sabor da oportunidade e do interesse por meio das quais nossas almas se entretêm”<sup>13</sup>.

Em sétimo instante, o filósofo define a amizade como entrosamento das almas, a tal ponto que uma se confunda com a outra. O ato de entrosar é a coincidência de pontos de vista e de opiniões que ambos tinham. Ao mesmo tempo, vê-se uma confusão entre as almas, pois se misturam e embaraçam, de modo a trocar experiências. Disso resulta uma única alma, unida à outra, ao passo que não se distingue. Unir implica tornar-se em um só, juntar e ligar. Pode-se ainda afirmar que é conciliar e ligar-se por afeto. Com isso, não se nota qualquer tipo de diferenciação. Desse modo, não se percebe a linha de demarcação entre elas.

Em oitavo lugar, a improvável linha de demarcação na amizade supõe a união das almas e a confusão entre elas. Um gesto que foge da noção de estabilidade e parte para aquilo que está sempre em movimento, portanto, numa postura de ensaiar: “Na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de

---

<sup>12</sup>“Et cet autre, que Plutarque vouloit induire à s’accorder avec son frere: ‘Je n’en fais pás, dict-il, plus grand estat pour estre sorty de mesme trou’”. Ibid.

<sup>13</sup>“Au demeurant, ce que nous appellons ordinairement amis et amitez, ce ne sont qu’accointances et familiaritez nouées par quelque occasion ou commodité, par le moyen de laquelle nos ames s’entretiennent”. Ibid.

demarcação”<sup>14</sup>.

Num nono momento, Montaigne afirma que tem um amor inexprimível por La Boétie: “Se insistirem pra que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu”<sup>15</sup>. Amar abrange a compreensão de ter sentimento mútuo de amor, ternura e paixão. Dessa forma, as almas se unem totalmente, tanto que não há mais espaço entre elas. O sentimento pelo amigo é tão estrênuo, que não saberia expressar com outras palavras além dessas que foram elencadas.

Frente aos dados analisados, pode-se dizer que existem divergências entre o ambiente familiar e a amizade. Nas relações familiares predomina o respeito, pois nelas se encontram diferentes faixas etárias que tornam dificultoso o sentimento da amizade. Segundo Birchall, a amizade é escolhida e fundada numa igualdade: “Em relação aos vínculos naturais, como os laços de paternidade e filiação, a amizade é superior, pois escolhida (e não determinada pela natureza), e fundada numa igualdade (ao contrário da hierarquia entre pai e filho, que impede a plena comunicação”<sup>16</sup>.

Isso implica que a amizade cumpre outra função, visto que ela se alimenta da comunicação cuja diferença de idade a inibe. Ela se nutre da comunicação que possibilita a conversa, logo, a reciprocidade, que leva à franqueza e à paciência que um deve ter para com o outro para ouvir a fim de censurar ou aconselhar. Assim se edifica a amizade e torna sólidas as duas vontades envolvidas nessa relação, motivadas pela própria natureza, que propicia ao homem a necessidade de tais relações a fim de que ocorra sua plena realização. Os obstáculos recíprocos e as rejeições familiares estão presentes no decorrer da história da humanidade. Isso guia a pensar que a amizade quiçá esteja num nível acima ao familiar, uma vez que o princípio dela como se vê abarca a “comunicação”, a qual pode ultrapassar os limites familiares. Segundo Merleau-Ponty, uma comunicação que tem como pressuposto o diálogo consigo mesmo. Segundo Merleau-Ponty, “o conhecimento de si em Montaigne é diálogo consigo mesmo, é uma interrogação dirigida a esse ser opaco que ele é e de quem espera resposta, é como um

---

<sup>14</sup>“En l’amitié dequoy je parle, elles se meslent et confondent l’une en l’autre, d’un melange si universel, qu’elles effacent et ne retrouvent plus la couture qui les a jointes”. (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 68 [1984, p. 94]). Segundo a tradução, a amizade que Montaigne menciona se refere a La Boétie. Veja mais detalhadamente a nota 311 da p. 94.

<sup>15</sup>“Si on me presse de dire pourquoy je l’aymois, je sens que cela ne se peut exprimer, qu’en respondant: ‘Par ce que c’estoit luy; par ce que c’estoit moy’”. Ibid.

<sup>16</sup>BIRCHALL, 2000, p. 292.

ensaio ou uma experiência de si mesmo”<sup>17</sup>.

Percebe-se, portanto, que a amizade é diferente dos laços familiares. Estes têm a intenção de levar as almas ao entretenimento, enquanto a amizade promove o entrosamento das almas, une-as e confunde-as, posto que elas mergulhem uma na outra. Perde-se a linha de demarcação e urge o constante movimento das almas, que compreende o sentimento de amar com ternura.

## **II - A amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade**

A ideia central é que o conceito da amizade está vinculado à sociedade como ponto ápice de perfeição. Nesse sentido, levam-se em conta as seguintes partes: natureza e homem; amizade e sociedade; sentimentos intitulados como “amizades”, que se afastam do ideal de amizade sugerido por Montaigne.

Na primeira parte, natureza e homem, Montaigne afirma que a natureza parece implantar no homem a vontade de tecer amizades. A forma com que o autor utiliza o verbo “implantar” significa o ato de introduzir ou até mesmo inserir a necessidade de constituição de amizades, conforme se vê nas próprias palavras do autor: “A natureza parece muito particularmente interessada em implantar em nós a necessidade das relações de amizade”<sup>18</sup>. A natureza é entendida aqui a partir da língua grega, *physis*, que indica a espontaneidade dela, visto que possui leis naturais. O homem naturalmente carrega dentro de si a necessidade de estabelecer relações de amizade. A afirmação é ilustrada e sustentada com uma alusão ao pensamento aristotélico<sup>19</sup> de que um bom legislador se preocupa com as relações que implicam a amizade, porque elas se relacionam com a noção de justiça: “e Aristóteles afirma que os bons legisladores se preocupam mais com essas relações do que com a justiça”<sup>20</sup>. O bom legislador é aquele que, diferentemente da natureza que é espontânea, faz *nomos*, lei. Assim, o papel do legislador é constituir as leis para garantir a noção de justiça entre os membros da *pólis*<sup>21</sup>. A justiça se desenvolve à medida que haja o diálogo em que o legislador não age

---

<sup>17</sup>MERLEAU-PONTY, M. Leitura de Montaigne. In: \_\_\_\_\_. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 223.

<sup>18</sup>“Il n’est rien à quoy il semble que nature nous aye plus acheminé qu’à la société” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p.62 [1984, p. 92]).

<sup>19</sup>Segundo a edição crítica, mais especificamente na p. 62, nota 5, refere-se à *Morale à Nicomaque*, VIII, I.

<sup>20</sup>“Et dit Aristote que les bons législateurs ont eu plus de soing de l’amitié que de la justice” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p.62-63 [1984, p. 92]).

<sup>21</sup>“a amizade parece ser o vínculo que une o Estado e os legisladores parecem mais zelar por ela do que

de forma uníssona e sim numa abertura aos outros, de modo que ocorram as relações de amizades. A postura do legislador implica aquilo que Aristóteles afirma como concórdia da qual “parece significar, portanto, a amizade entre cidadãos, que corresponde, a propósito, ao uso ordinário do termo, porque se refere aos interesses e cuidados da vida”<sup>22</sup>.

Na segunda, a amizade e a sociedade, Montaigne assinala a relevância da amizade no campo da sociedade: “É verdade que a amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade”<sup>23</sup>. A amizade está no auge da perfeição social, porque ela provém do interior do homem que deseja praticar a concórdia a fim de que aconteça a *dike*, que significa justiça, orientar-se pelo caminho que seja reto. Nota-se aqui a preponderância da amizade sob a justiça, uma vez que amizade parte do individual, ou seja, do interior do homem. Por conseguinte, a lei aparece na relação amigável entre os homens. O autor usa o termo “é verdade” para dar maior ênfase à virtude da amizade que ultrapassa inclusive os limites da *pólis*. Por isso, é natural que haja no homem o desejo dela, mesmo que esteja em terra estrangeira: “Mesmo quando se viaja ao estrangeiro, pode-se observar que uma afinidade natural e uma amizade existem universalmente entre os homens”<sup>24</sup>. A amizade nada mais é do que o próprio amor, um sentimento maior que pode existir no homem. Por esse motivo que o autor a assinala como “mais alto ponto de perfeição”. Numa linguagem aristotélica, o homem tem uma “afinidade natural” e, da mesma forma, que Montaigne, percebe-se que a amizade é relacionada à virtude do amor<sup>25</sup>.

Numa terceira parte, sentimentos intitulados como “amizades”, Montaigne fala dos sentimentos a que o homem denomina como “amizade”, que são inferiores e participam muito pouco da amizade:

Em geral sentimentos a que damos o nome de amizade, nascidos da satisfação de nossos prazeres, das vantagens que usufruímos, ou de

---

pela justiça, uma vez que promover a concórdia, que se afigura aparentada à amizade, constitui o principal objetivo deles, enquanto o banir da discórdia, que é inimizade, é sua maior preocupação. E se os homens são amigos, não há necessidade de justiça entre eles, ao passo que ser meramente justo não basta, não dispensando um sentimento de amizade. Na verdade, a forma mais elevada de justiça parece conter um elemento de amizade”. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: EDIPRO, 2007. p. 236 [livro VIII, 1].

<sup>22</sup> ARISTÓTELES, 2007, p. 276 [livro IX, 6].

<sup>23</sup> “Or le dernier point de as perfection est cettuy-cy” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

<sup>24</sup> ARISTÓTELES, 2007, p. 236 [livro VIII, 1].

<sup>25</sup> “A forma mais perfeita da amizade é aquela entre os indivíduos bons e mutuamente semelhantes em matéria de virtude. Isto porque esses amigos se desejam igualmente o bem alheio *na qualidade* de bem e são bons em si mesmos”. Ibid, p. 240 [livro VIII, 3].

associações formadas em vista de interesses públicos ou privados, são menos belos, menos generosos, e participam tanto menos da amizade, a qual tem outras causas, visa a outros fins<sup>26</sup>.

Alguns sentimentos nascem da satisfação de nossos prazeres, sobretudo entre os jovens. Para estes, o motivo da amizade parece ser o prazer, uma vez que os jovens orientam suas vidas pelas emoções e, majoritariamente, buscam o que é prazeroso para eles mesmos e o imediato.

Outros sentimentos são aliados às vantagens que o homem usufrui. Estes geralmente formam entre pessoas velhas, pois são amizades baseadas na utilidade e não no prazer. Elas ocorrem também entre aquelas pessoas no auge da vida e os jovens cuja finalidade na existência é o ganho. Amigos dessa espécie, na verdade, pouco ficam juntos, pois em alguns casos nem sequer agradam um ao outro e, portanto, dispensam as relações amigáveis a não ser que sejam para eles mutuamente lucrativas, visto que o prazer que encontram um no outro não vai além de suas expectativas de vantagens. Além disso, amigos que se amam com fundamento na *utilitas*, amor utilitário, não se amam por si mesmos, mas na medida em que algum benefício lhes possa advir um do outro.

Há ainda sentimentos arraigados a interesses públicos, pelo fato de que os benfeitores parecem amar aqueles que beneficiam mais do que beneficiados amam aqueles que conferem benefícios, o que suscita a indagação do porquê disso, visto parecer implausível. A opinião de aceitação mais geral é que a razão disso é que uma parte se encontra na posição de um devedor e a outra naquela de um credor, tal como no caso de um empréstimo; enquanto quem toma emprestado ficaria contente em ter seu credor fora do caminho, o prestador realmente zela pela segurança do seu devedor, de maneira a se pensar que aquele que confere um benefício deseja que o beneficiado viva de tal forma que ele (o beneficiador) possa ser objeto de uma retribuição, embora o recebedor do benefício não esteja particularmente ansioso em fazer uma restituição.

Vale ressaltar também os sentimentos vinculados aos interesses privados, pelo fato de que numa amizade cujo fundamento é a utilidade ou o prazer, o indivíduo ama seus amigos para seu próprio bem e seu próprio prazer, não se cogitando aqui das pessoas *amadas*, mas da utilidade ou prazer que elas propiciam. E, portanto, essas

---

<sup>26</sup>“Car, en general, toutes celles que la volupté ou le profit, le besoin public ou privé forge et nourrit, en sont d’autant moins belles et genereuses, et d’autant moins amitez, qu’elles meslent autre cause et but et fruit en l’amitié, qu’elle mesme” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

amizades são apenas incidentais e com interesses puramente privados, uma vez que o amigo não é amado por ser o que ele é, mas pelo fato de ser capaz de proporcionar algum benefício ou prazer, conforme cada caso.

A amizade que Montaigne entende como verdadeira tem outras causas, outros objetivos e finalidades. Ora, o autor adverte que os sentimentos são, de fato, afeições, às quais eram classificadas em quatro espécies, conforme se vê a seguir: “essas afeições, que se classificavam outrora em quatro espécies [categorias], segundo fossem ditadas pela natureza, a sociedade, a hospitalidade ou as exigências dos sentidos<sup>27</sup>”.

A primeira espécie abarca a natureza, de maneira que a amizade entre os seres humanos requer que estes sintam afeição (boa vontade) recíproca, ou seja, queiram o bem um do outro; estejam cientes (reconheçam) da afeição um do outro e a causa ou fundamento de sua afeição tem que ser uma das qualidades *amáveis* mencionadas acima. A segunda é a mencionada pela sociedade, pois a amizade precisa ser mútua, de forma que o sentimento de boa vontade, entendido como afeição, seja recíproco. A terceira espécie é a hospitalidade. Nessas amizades se enquadram nos relacionamentos familiares de parentesco, ditados pelos deveres de hospitalidade, inclusive com os estrangeiros. A quarta, por sua vez, é aquela ditada pelas exigências dos sentidos. Nesse caso, os seres humanos se amam e orientam os sentidos em vista do bem, com referência à qualidade entendida como afeição recíproca ou virtude do amor que é o fundamento de sua amizade.

Fato observável é que essas espécies, de acordo com Montaigne, não alcançam “nem em conjunto nem isoladamente atingem o ideal”<sup>28</sup>. Desse modo, Montaigne pretende apresentar a amizade diferentemente das afeições, visto que estas “participam tanto menos da amizade”<sup>29</sup>. Aqueles que formam uma amizade, entram numa dinâmica de participação para descrever um ao outro e não ter em vista o próprio interesse e sim à edificação da amizade e à busca de garantir a existência de si mesmo pelo amor recíproco, conforme visto no capítulo anterior em que o autor cita o amigo La Boétie, do qual honra o restante de sua obra, uma forma de eternizar a imagem do amigo e de si mesmo no ato de ensaiar, ou seja, pintar num quadro a experiência do vivido com o amigo, como forma de manter vivo algo daquilo que ainda resta em seu interior, que o

---

<sup>27</sup>Evidencia-se aqui um problema da tradução de Milliet, de maneira que se opta traduzir *especies* por espécies e não por categorias. “Ny ces quatre especes anciennes: naturelle, sociale, hospitaliere, venerienne,” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

<sup>28</sup> “particulierement n’y conviennent, ny conjointement”. (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

<sup>29</sup> “et d’autant moins amitié,”. Ibid.

tempo pode apagar, caso ele não ensaie.

A partir dos dados mencionados, percebe-se que a amizade é, de fato, o ponto mais alto de perfeição que existe na sociedade. Na interpretação de Birchall, Montaigne encara a amizade como um fato, uma experiência e, até mesmo, um acontecimento ímpar: “Montaigne discorre sobre a amizade como um fato, uma experiência, um acontecimento ímpar que reúne a maior liberdade e a maior adesão ao outro, a total dependência e a total integridade. Assim ele a descreve, como algo vivido (e perdido), um fato que ocorreu quem sabe por acaso em sua vida, e que tem, no entanto, a força de marcá-la para sempre”<sup>30</sup>.

A amizade parece ser implantada no homem por parte da natureza. A natureza é a matriz da qual urgem as necessidades de relações de amizade, porque ela cria livre e espontaneamente. Assim, a amizade parte sempre de um prisma do homem, de sua interioridade para a autoconservação e a humanização, uma vez que o “eu” se encontra no outro. Esse outro é a própria escrita dos ensaios, que permite com que Montaigne tenha consciência no tempo, embora não carregue mais a vivência da amizade. Vivência esta substituída pelo ensaiar como modo de permanência constante no tempo que dilui.

### **III - A importância do conceito irmão à amizade**

Retrata-se aqui como conceito central o ato de ser irmão para os outros. Dessa forma, desenvolvem-se os seguintes conceitos: o amigo como irmão; a união formal; igualdade entre irmãos; gosto; imposição da lei; experiência familiar de Montaigne; concórdia exemplar entre irmãos.

Ao se tornar amigo de La Boétie, Montaigne adota juntamente com ele o nome de “irmão”, *frère*, que é um nome definido como belo e, acima de tudo, digno da maior afeição: “É, em verdade, um belo nome e digno da maior afeição o nome de irmão; e por isso La Boétie e eu o empregamos quando nos tornamos amigos”<sup>31</sup>. Além disso, o conceito “irmão” expressa a ideia do amor ao próximo, da harmonia e até mesmo da concórdia. E mais: provém da palavra latina *frater*, logo, fraternidade, que denota parentesco de irmãos, comunhão de mesmas ideias e isso se aproxima àquilo que constitui a amizade entre Montaigne e La Boétie. Eles, realmente, formam um ideal de

---

<sup>30</sup>BIRCHALL, T. *Montaigne seus duplos: elementos para uma história da subjetividade*. 2000. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000. p. 287. Esse plano do vivido e perdido ajuda na compreensão da amizade como afeição mais perfeita na sociedade.

<sup>31</sup>“C’est, à la vérité, un beau nom et plein de dilection que le nom de frère, et à cette cause em fismes nous, luy et moy, nostre alliance” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 63 [1984, p. 92]).

amizade estreita e acima de tudo fraternal, apesar de não serem irmãos biológicos e sim de ideias.

Montaigne, quando fala da formalidade, considera alguns aspectos que destemperam a união formal: “mas na realidade, a comunidade de interesses, a partilha dos bens, a pobreza de um como consequência da riqueza de outro, destemperam consideravelmente a união forma”<sup>32</sup>.

A união formal parece à proporção que surge a comunidade de puro interesse, que não almeja o bem comum, mas a si mesmo. Para o autor, o que corresponde a vencer o mundo é que os irmãos sigam o mesmo itinerário e que andem com passos similares. No entanto, é comum que os irmãos se choquem contra o outro: “Em devendo os irmãos, para vencer neste mundo, seguir o mesmo caminho, andar com passo igual, inevitável se torna que se choquem amiúde”<sup>33</sup>. Montaigne acrescenta:

Mais ainda: é a correspondência dos gostos que engendra essas verdadeiras e perfeitas amizades e não há razão para que ela se verifique, entre pai e filho, ou entre irmãos, os quais podem ter gostos totalmente diferentes<sup>34</sup>.

Nota-se que a verdadeira e perfeita amizade envolvem a correspondência do gosto, que é o sentido pelo qual se percebe o sabor das coisas. Estas entendidas como as virtudes que nutrem a amizade: fraternidade, franqueza, paciência, entre outras. Contudo, a amizade não é verificável da mesma forma no ambiente familiar, devido ao gosto variar de forma distinta entre os membros que a compõem.

Acerca da família, Montaigne afirma: “É meu filho, meu parente, mas isso não impede que se trate de um indivíduo pouco sociável, um mal, um tolo”<sup>35</sup>.

O autor assinala que nas relações de amizade que impõem no homem a lei e as obrigações naturais, a vontade dele não se realiza livre, uma vez que as obrigações não decorrem de uma escolha e sim de uma imposição. Disso resulta que, segundo Montaigne, a amizade depende do livre arbítrio do homem e de sua afeição: “Nas amizades que nos impõem a lei e as obrigações naturais, nossa vontade não se exerce

---

<sup>32</sup>“Mais ce mélange de biens, ces partages, et que la richesse de l’un soit la pauvreté de l’autre, cela detrampe merveilleusement et relasche cette soudure fraternelle” (Ibid, p. 63-64 [1984, p. 92]).

<sup>33</sup>“Les freres ayants à conduire le progrez de leur avancement em mesme sentier et mesme train, il est force qu’ils se hurtent et choquent souvent” (Ibid, p. 64 [1984, p. 92]).

<sup>34</sup>“D’avantage, la correspondance et relation qui engendre ces vrayes et parfaictes amitez, pourquoy se trouvera elle en ceux cy? Le pere et le fils peuvent estre de complexion entierement eslongnée, et les freres aussi”. Ibid.

<sup>35</sup>“C’est mon fils, c’est mon parent, mais c’est un homme farouche, un meschant ou un sot”. Ibid.

livremente; elas não resultam de uma escolha, e nada depende mais de nosso livre arbítrio que a amizade e a afeição”<sup>36</sup>.

Haja vista que Montaigne ressalta a sua experiência de amizade familiar: “E não digo isso porque não tenha tido a oportunidade de conhecer o que de melhor pode haver como amizade familiar”<sup>37</sup>. Além disso, realça a figura de seu pai como melhor dos pais: “porquanto meu pai foi o melhor dos pais, o mais indulgente, e assim permaneceu até a mais avançada velhice”<sup>38</sup>. É melhor porque a palavra “indulgente” sugere que seu pai sempre esteve pronto a perdoar.

Assim, faz uma descrição de sua família com os seguintes aspectos: excelência nas relações entre pais e filhos e a concórdia entre irmãos. Esta última, por sua vez, considera-a como “exemplar” entre os irmãos: “Nossa família era reputada pela excelência das relações entre pais e filhos, e a concórdia entre irmãos era nela exemplar: “conhecido eu mesmo pelo amor paternal que dediquei a meus irmãos”<sup>39</sup>. O conceito “irmão”, *frater*, é importante para entender a descrição da amizade de Montaigne. O autor juntamente com La Boétie adota este termo para assegurar a comunhão entre ideias a fim de praticar o amor fraternal.

A amizade, portanto, é o amor mútuo, de tal modo que um se faz tão íntimo do outro, que ultrapassa uma mera relação familiar, pois ocorre livremente a correspondência do gosto entre eles. Na correspondência entre o gosto, é importante frisar que, de acordo com Birchall, a amizade tem a finalidade nela mesma como fonte inesgotável: “Na amizade, ao contrário, ela não se remete a um fim outro que ela mesma, por isso ela pode alimentar-se de seu desfrute, tornando-se fonte inesgotável. Ela se mostra como um fim em si mesma, marca do bem supremo em Aristóteles, capaz de realizar-se e continuar-se realizando através de seu exercício”<sup>40</sup>.

Aliás, Montaigne ressalta inclusive a concórdia entre os irmãos de sua família como exemplar. A alusão que o filósofo realiza a Horácio permite perceber uma relação

---

<sup>36</sup>“Et puis, à mesure que ce sont amitez que la loy et l’obligation naturelle nous commande, il y a d’autant moins de nostre chois et liberté volontaire. Et nostre liberté volontaire n’a point de production qui soit plus proprement sienne que celle de l’affection et amitié”. (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 64 [1984, p. 92]).

<sup>37</sup>“Ce n’est pas que je n’aye essayé de ce costé là tout”. Ibid.

<sup>38</sup>“ce qui en peut estre, ayant eu le meilleur pere qui fut onques, et le plus indulgent, jusques à son extreme vieillesse”. Ibid.

<sup>39</sup>“et estant d’une famille fameuse de pere em fils, et exemplaire em cette partie de la concorde fraternele, ‘et ipse Notus in fratres animi paterni’”. (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 64 [1984, p. 92]). Aqui Montaigne faz uma citação de Horácio que, segundo a edição crítica, nota “a”, p. 64, corresponde a Horace, *Odes*, II, II, 6.

<sup>40</sup>BIRCHALL, 2000, p. 293.

de amor paternal que ele transfere a si mesmo mediante a concórdia entre ele e seus irmãos que se demonstra como insígnia. Ela serve como chave de leitura para a compreensão da amizade como fraternal, talvez pelo fato de a relação com a educação paternal herdada pelo seu pai e também pela representação paterna, que o autor a vê como a melhor dos pais pela sua indulgência.

## **Conclusão**

Frente aos dados analisados, destacam-se as seguintes asserções acerca daquilo que constitui a amizade. Primeiramente, a amizade se alimenta da comunicação que permite a conversa e a abertura daqueles que a desejam vivenciá-la em suas vidas. Disso decorre, em segundo lugar, a reciprocidade relacionada à franqueza e à paciência que um deve ter para com o outro na preparação e no nascimento da amizade. Isso implica duas atitudes fundamentais: censurar e aconselhar. Assim se edifica a afeição da amizade e torna sólidas as duas vontades envolvidas nessa relação. É importante elucidar que as vontades são motivadas pela própria natureza, que propicia ao homem a necessidade de tais relações a fim de que ocorra sua plena realização e humanização através do outro.

Num terceiro aspecto, a amizade promove o entrosamento das almas, une-as e confunde-as, posto que elas mergulham uma na outra. Com efeito, perde-se a linha de demarcação entre elas e flui o sentimento de amar com ternura. O quarto ponto imprescindível é a amizade como mais alto grau de perfeição existente na sociedade, porque ela tem fim nela mesma, pois é a virtude mais perfeita que pode existir no interior do homem.

O quinto aspecto se refere à correspondência de gosto na amizade, pois ambos têm o mesmo objetivo, conhecer o mais profundo de si mesmo perante o olhar do outro, que faz o mergulho na interioridade para humanizar e conservar no tempo a existência. Por isso, escrever é, de fato, uma maneira que Montaigne encontra para manter vivo a experiência de sua amizade que a considera como fraternal, devido ao profundo sentimento de reciprocidade que se forma entre ele e La Boétie, uma comunhão de ideias incomparável a qualquer tipo de afeição.

A amizade atinge um grau inexprimível, mas que pode ser equiparado ao amar com ternura. A ausência do amigo é canalizada pelo ensaiar, não com o mesmo sentido que se tinha com a presença física deste e sim com a forma de torná-lo presente na

escrita a imagem dele que se encontra parcialmente vivo no interior de Montaigne, pois com a morte do amigo, parte de si mesmo morreu, o que lhe causa a sede de ensaiar . Nesse sentido, ele procura registrar o restante do amigo que há em seu interior nos ensaios para que seja visto por outros a sua singela amizade.

### **Referências**

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: EDIPRO, 2007.
- BIRCHAL, T. *Montaigne e seus duplos*: elementos para uma história da subjetividade. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CHAUÍ, M. Amizade, recusa do servir. In: LA BOÉTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 173-239.
- CICÉRON. *L' amitié*. Paris: Les Belles Lettres, 1952.
- MERLEAU-PONTY, M. Leitura de Montaigne. In: \_\_\_\_\_. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 221-235.
- MONTAIGNE, M. *Essais*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- \_\_\_\_\_. *Os ensaios*. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os PENSADORES).
- SILVA, N. M B. A pintura do “eu” em Montaigne. *Thaumazein*, Santa Maria – RS, v. 4 , n. 4, p. 1-14, março, 2009.

*Da família à amizade e fraternidade em Montaigne*

***Artigo recebido em: 14/01/10***

***Aceito em: 06/03/10***